



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

RESENHA

LEXAU, Jeana; DANTAS, Jéferson Silveira. *À beira*. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

João Victor Martins CASTELLO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTA RESENHA](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 28/02/2021 • APROVADO EM 06/12/2021

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3311>

Resumo

Buscamos explorar os limites e tensões de *À beira*, de Jeana Lexau e Jéferson Dantas, publicado em 2019 pela editora Insular. Com o objetivo de reintroduzir o livro no debate literário e acadêmico, conversaremos sobre contos específicos e impressões gerais, desvelando construções que instiguem à leitura. Ao fim da resenha, adicionamos uma rápida entrevista que conduzimos com os autores, buscando oferecer ao leitor da resenha uma oportunidade de entender a visão criativa por trás dos autores. O livro aborda a experiência brasileira pós-moderna, especificamente a vivida após 2016 no cenário político, econômico, cultural e social; isso, a partir de uma ótica específica que desvela tecnológica, neoliberalismo, neofascismo e a multidão moderna a partir de uma forma que oscila entre o narrativo e o poético.

Abstract

We seek to explore the limits and tensions of *À beira*, from Jeana Lexau and Jéferson Dantas, published in 2019 by Insular. In order to reintroduce the book in the literary and academic debate, we will talk about specific stories and general impressions, unveiling constructions that encourage reading. At the end of the review, we added a quick interview we conducted with the authors, seeking to offer the reader of the review an opportunity to understand the creative vision behind the authors. The book addresses the postmodern Brazilian experience, specifically that lived after 2016 in the political, economic, cultural and social scenario; this, from a specific perspective that unveils

technology, neoliberalism, neo-fascism and the modern crowd through a form that oscillates between the narrative and the poetic.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura brasileira. Literatura contemporânea. Pós-modernismo. Conto. Prosa poética.

Keywords: Brazilian literature. Contemporary literature. Postmodernism. Short story. Poetic narrative.

Texto integral

Um livro pode ter a força de uma resposta. A literatura, tanto quanto fenômeno estético, histórico, social ou psicológico, pode ser uma reação. Uma consequência. Claro, se abrimos demais esse conceito, praticamente qualquer livro pode caber nele, mas a ideia aqui é pensar em alguns específicos que carreguem aquele calor da reação, do grito depois do tapa. Livros de épocas escuras. Um sabor específico de literatura que na leitura faz ressaltar um despertamento, revolta, inquietação; ou nada disso. Um exemplo é Baudelaire, abrindo as portas da modernidade com seu festival satânico. E, nesse espírito, creio que temos, muito mais recentemente, *À beira*, de Jeana Lexau e Jéferson Dantas, lançado em abril de 2019 pela editora Insular, em Santa Catarina. Entrevistamos os autores e, junto à essa resenha, esperamos propôr uma boa conversa sobre o livro, acreditando que ele sintetiza muitas das tensões que vivemos no Brasil de 2016 para cá, sendo um livro interessante para que pensemos no que nos trouxe até aqui e o que, talvez, nos espere no futuro.

À beira, dividido em 33 contos que mesclam características líricas e narrativas, é uma leitura bastante proveitosa para leitores com um certo nível de proficiência. Quando assume uma tonalidade mais lírica, brincando com os limites entre prosa e poesia, a escrita pode se tornar um pouco obscura, mas nada que beire o ilegível. Nesse jogo formal entre conto e poema, o livro faz uma leitura atenta da crueldade do contemporâneo brasileiro e nas diversas formas que esse cruel se manifesta. Exige certo estômago, em alguns momentos. O esforço, porém, vale a pena, pois enxergar expostos os males de nosso tempo na arte, gritando para ser ouvida, é algo que desperta.

Ecoa lá no fundo do livro, como já dito, um baudelairianismo, mas existem diversos outros ecos interessantes. Ao primeiro olhar, *À beira* lembra muito *Spleen de Paris*, trabalho monumental de prosa poética do francês que também joga com os limites entre prosa e poesia. Mas mesmo assim, o maior baudelairianismo está no plano conteudístico: quanto maior a agressividade de *À beira*, mais seu grito assemelha-se ao do esgrimista benjaminiano (BENJAMIN, 1989). E mesmo que com algumas raízes nessa tradição, a obra de Lexau e Dantas não nega sua contemporaneidade, abraçando em uma única mordida a onda neofascista brasileira, a monopolização tecnológica e cibernética do novo milênio, o velho e o novo no espaço urbano, a asfixia da massa consumidora, entre diversos outros componentes da nossa pós-modernidade. *À beira* é uma leitura desse pós-

moderno, confuso, plural e desesperador como ele é; e mais que isso, é um apelo de consciência em tempos de barbárie acentuada contra a ciência, a arte e o humano. Seu título não é à toa. O livro emula uma sensação de caminho que acabou, restando, ao próximo passo, a queda. O que seria para Baudelaire uma funda cratera até as mandíbulas de Satã é aqui o nada, o vazio; e experienciamos não a queda, mas o segundo antes do derradeiro passo. Agora, falemos especificamente de alguns contos.

“A Revolta das Canjicas”, assinado por JD (Jéferson Dantas), é, talvez, uma das demonstrações mais cruéis do embate entre a intelectualidade brasileira e o fenômeno neofascista. O conto sintetiza o desprezo à ciência promovido pelo autoritarismo, materializado na violência de seus seguidores. A imagem destes fascistas, no decorrer do livro, é aproximada à imagem do boi, alinhando-se à forma pejorativa de como a esquerda adotou chamá-los: gados.

Em “A Revolta dos Canjicas”, a manada de moradores da Vila Alcides está em fúria e mata um cientista social que morava na vila, após este ter “dado uma de marxista”. No início do conto, faz-se a pergunta:

“Tratar-se-ia de uma histeria coletiva ou como dissera um jornalista cascudo, daqueles que não existem mais, de uma demência sem precedentes?”. (LEXAU; DANTAS, 2019, p. 60).

De fato, o evento é levado aos extremos medievais da caça às bruxas; porém, sem uma figura eclesiástica ou estatal como guia. A revolta é popular, coletiva, de massa. Os canjicas são uma organização plural, não há um líder aparente, o que os lidera é seu propósito comum de exterminar a intelectualidade esquerdista. O canjica não é o fascista de classe média, que faz arminha da sacada do apartamento; é a massa de modelar nas mãos neoliberais e neofascistas, completamente ausente de qualquer horizonte político que escape da dominação. E essa dominação, fio condutor da violência que conduz a narrativa, é o que une os canjicas. “A Revolta dos Canjicas” demonstra uma das formas de como a multidão, fenômeno observado literariamente já em meados do século XX, aparece em *À beira*. Uma comunidade de moradores de uma vila, um local fértil para conscientização das massas contra o autoritário, se torna, em um Brasil desesperançado, no braço direito de um novo fascismo.

Há quem diga, levando isso em conta, que o único intelectual presente no fragmento é o cientista social, mas também, talvez, o narrador o seja. A cínica escolha de palavras deste narrador, o ponto de vista às vezes zombador dos canjicas e, acima de tudo, seu “coitado do filósofo!” podem posicionar este narrador do lado letrado, acadêmico e de esquerda desse embate, mesmo que nem este o saiba. Poderíamos considerar esse narrador como implicado? Se sim, o que muda no conto? Nossa aposta é a de que, se estamos vendo o fenômeno pelo ponto de vista de um intelectual, o narrador acabaria por atuar como a resposta da esquerda à violência, pintando, por trás de sua narração, uma tela de ignorância dos canjicas. No narrador de “A Revolta das Canjicas” haveria, nesse caso, uma congratulação inusitada, um “calma, não somos eles”. Ou seria ele simplesmente um comentarista xistoso, seu “coitado do filósofo” sendo assim de tom irônico, brincalhão? Ficam aqui as possibilidades de leitura.

“A Revolta dos Canjicas” consegue aproximar o neofascismo ao medievo, sem errar na pena quanto à excelência formal de sua composição narrativo-poética. Sua violência, carnalidade e traços distópicos compõem um quadro interessante até mesmo em suas contradições e jogo parecido estará presente em outros contos de *À beira*, como A Desconstrução de Dalila, assinado por JL (Jeana Lexau); este mais atrelado ao feminicídio e ao percurso da mulher dentro da sociedade capitalista, caminhando para um enfim reconhecimento que acaba por desmontar-se quando atingido pelo obscurantismo. A Desconstrução de Dalila mostra como os caminhos que poderiam ser construídos para uma minoria dentro do capitalismo são esmagados com a chegada do neofascismo, revelando o quão perdidos estamos ao termos no poder um militar que semeia uma ideologia misógina e racista ao mesmo tempo que, em seu plano econômico, favorece privatizações e reúne neoliberais como eleitores e corporações como apoiadoras. O que não é uma fórmula estranha ao Brasil, visto a ditadura no século XX. Neste conto, é desesperançoso ver como ideologias nocivas conseguem vigorar e crescer juntas, abolindo contradições. *À beira* ilustra isso. Se a mulher “vence” as estruturas machistas e misóginas do neoliberalismo, alcançando sucesso enquanto indivíduo nas relações de produção, pode não vencer as do machismo feminicida, que estão no seio do neofascismo e alimentam a fórmula neoliberal. Rica ou pobre, empresária ou funcionária, a mulher ainda sofre com o constante perigo de morrer por ser mulher. O conto narra, com sordidez, essa realidade.

Seguindo em frente, outro vetor que impulsiona o livro é sua resposta ao *smartphone*. Em outras palavras, as saídas estéticas que encontra ao fenômeno da dissolução do humano nas tecnologias modernas, internet, redes sociais e afins. Os dois contos que são centrais nesse debate são “Infomaníaca” e “A mulher editada”, assinados por JL. A maneira como, nestes dois contos, o eu humano se torna máquina, diluindo-se na rede, é quase kafkiana. Percebe-se, na forma que rememora em diversos momentos uma Clarice Lispector, que estes contos abordam o desaparecimento do mundo material frente ao virtual, o decaimento humano e a solidão, o deixar de ser imbuído na pós-modernidade. Filosoficamente, este vetor do livro é extremamente pós-moderno. Há aqui uma certa esquizofrenia deleuziana, ou um realismo capitalista de Mark Fisher. Os constituintes do que é o humano e o que é o internauta anulam-se tão fortemente que já um não é o outro e nem é mais a si mesmo. Em “A Mulher Editada”, o ato de comer, tão arraigado ao ser humano, função biológica fundamental que é, não o é mais; e as redes sociais, a existência fetichizada do *post*, servem de alimento, mas não alimentam. O mesmo pode-se dizer do psicológico humano em Infomaníaca. Somos deixados com uma sensação de que nada é. Quando confrontado com essa antítese tecnológica elevada ao extremo, o humano encontra a beira de sua própria definição.

O maior acerto estético está justamente nisso: não há um choro de derrota frente à tecnologia, há o reconhecimento de que tornamo-nos tecnologia, e que aquilo que nos deglute é nada se não nós mesmos. Alguns leitores podem achar essa visão alegórica do conto um exagero: será mesmo que está tão ruim assim? Bem, essa é uma questão que não abordaremos, mas é possível afirmar que, esteticamente, o conto se insere dentro do debate que o livro propõe. Deve-se mencionar, também, o quanto o universo feminino contribui nesse jogo: as

personagens são mulheres que dispõem, aparentemente, de uma vida de classe média de certos privilégios. Quem são essas mulheres?

Vamos trocar o foco, agora. Para melhor explorar estas e outras questões, entrevistamos os autores, pela internet. Fizemos cinco perguntas e, destas, mostraremos aqui rapidamente as respostas mais interessantes para o propósito da nossa resenha. Não haverão trélicas, para que se mantenha a visão própria de cada autor, mas sumariaremos todos esses olhares ao concluirmos nosso texto.

Para a pergunta “O cenário de *À beira* é de um horizonte desesperançado. De alguma forma isso reflete a sensação de vocês, autores, sobre a atual conjuntura brasileira? Podemos dizer que *À beira* é uma obra de resistência?”, Jéferson Dantas disse que:

“Sim. A ideia de escrevermos essa obra estava muito conectada à conjuntura política atual do país (golpe de 2016, contrarreformas na Educação e na Previdência Social, flexibilização dos direitos trabalhistas, etc.), mas não só. Evidentemente, que somos seres sociais, trabalhadores, e isso nos afeta objetiva e subjetivamente. Mas, tentamos captar até que ponto a humanidade vai perdendo a sua capacidade de ser solidária e, sobretudo, como se desvela todas as camadas sombrias do ser humano objetivadas em discursos e atos de ódio, anticientificismo, barbárie... Considero *À beira* mais uma obra de constatação do que, propriamente, de resistência, embora traga elementos sensíveis de análise do tempo presente”. Jeana Lexau, em resposta à mesma pergunta, falou:

“A ideia inicial, pelo menos sob a minha perspectiva, era escrever um livro em que o mote fosse aquela zona limítrofe, de quase abismo, que as pessoas experimentam nas mais diversas situações da experiência humana: nos relacionamentos, no trabalho, na vida cotidiana, na frieza das novas tecnologias, das redes sociais... E, sim, muito na política. Possivelmente por estarmos imersos na patologia deste desgoverno e na promessa, quase sempre infundada, de que a tecnologia une e traz felicidade”.

Outra pergunta colocou: “Na leitura de *À beira* tivemos a sensação de que a obra é permeada por sensações e percepções próprias da classe média economicamente ativa e intelectualizada. Essa leitura faz sentido? Se sim, como foi possível para vocês, autores, construir narrativas extremadas a partir da reflexão sobre (ou de) uma classe que, teoricamente, vive de forma confortável?”. A resposta de Jéferson Dantas foi:

“De fato, talvez as nossas referências se aproximem do que se costuma chamar ‘classe média’ com escolarização elevada. Mas, literariamente, não entendo aí uma relação tão mecânica ou direta. O desconforto, nesse caso, é ontológico, universal. A perspectiva de quem escreve é pautada ou permeada por suas experiências sociais, mas também pelo rigor de sua análise sobre a realidade concreta. Talvez a obra em si não contemple muitos leitores pela sua complexidade ou intencionalidade, mas o/a autor/a não pode se preocupar com isso sob pena de prejudicar a fluidez de sua narrativa!”.

A de Jeana Lexau: “Acho que o fato de a situação parecer confortável na superfície é que denota o abismo que não está sendo dito. Essa classe a qual as personagens parecem pertencer não está segura, vive de um arremedo de felicidade e falsas garantias que, a qualquer momento, pode ser desfeito. É neste limiar, neste *à beira* (pra lembrarmos do título do livro) que o insight de que algo

não está bem pode se fazer e mudar a direção de tudo. Neste sentido, sim, sem querer parecer pretensiosa, o livro quer ser revolucionário. É preciso se encarar o abismo para transformar o aparente conforto em algo mais orgânico e para fundar uma existência em outras bases, mais autênticas. Nem que este mergulho seja feito sem garantias e não traga redenção alguma no final”.

E, finalmente, perguntamos: “*À beira* é uma obra com viés universal, ou seja, as narrativas não são centradas em uma região geográfica delimitada, ela poderia ser lida e entendida em qualquer lugar do mundo. Para vocês, autores, o leitor deveria encontrar particularidades brasileiras ou, até mesmo, catarinenses, ou a leitura deve ser exatamente universal, sem particularizações?”.

Jéferson Dantas respondeu: “Depende do que o/a autor/a pretende atingir com a sua narrativa. *À beira* foi uma elaboração literária em que os lugares de referência são importantes, mas sem nomeá-los, necessariamente. Há menções a determinadas metrópoles. Se optássemos por particularizações, possivelmente teríamos que alterar o gênero narrativo para romance, novela, etc. O não-lugar, nesse caso, é uma construção, deliberadamente, estética!”. E a resposta de Jeana Lexau foi:

“Sob o meu ponto de vista, era pra ser universal no sentido do espaço, mas datado na contemporaneidade no sentido do tempo. Talvez um outro conto o espaço tenha ficado marcado, como o do café *Richmond* em Buenos Aires (“Letreiro-ruína”) ou sobre o incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro (“A ruína e o meteorito”), embora esse último eu não tenha nomeado o Museu, mas fica subentendido. Na maioria das vezes, no meu caso, o palco é a cidade, qualquer cidade. Ou o espaço virtual que aprisiona.”.

Acreditamos que a forma como nossa crítica se alinha a dos autores, bem como onde se tensionam nossas visões, é um ambiente fértil para que o leitor forme sua própria leitura do livro. É cabível ainda destacar mais alguns contos, como “*Clastrum phobeoma*”, “*Litanias*”, “*Abismo*”, “*Letreiro-ruína*”, “*Redenção*”, “*Conexões*”, “*Canen mundi*”, “*À beira*” (pág. 46) e “*Bocas alheias*”. Nesses contos, vemos a cidade como ser metamorfo entre o velho e o novo, como em “*Letreiro-ruína*”, a asfixia da massa urbana, como em “*Clastrum phobeoma*”, a oferenda quase ritualística de “*Litanias*”, a desgraça profissional que é transformada em caos cosmogônico em “*Abismo*”, o avô charrua e a guerra caótica em “*Redenção*”, todos com um escrever que embala de uma página à outra. Assim, *À beira* acaba inserindo-se na história da literatura brasileira como um livro reativo. Reativo à experiência de ser brasileiro na pós-modernidade neofascista e neoliberal em que vivemos. É uma síntese da experiência da classe média intelectualizada, com acesso às tecnologias digitais e devidamente inserida no debate social, até certo ponto; e é isso sem deixar-se reduzir por isso.

Jeana Lexau e Jéferson Dantas, em *À beira*, nos põem no extremo da forma e no extremo do conteúdo, em uma posição de quem antecipa, mas também de quem teme o porvir. É este o coração do livro. Talvez, por causa disto, dispensa-se o adjunto adnominal para definir o à beira de quê; não importa. O que importa é o frio na barriga, a indecisão e a dúvida de estar com os pés à margem de algo.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

LEXAU, Jeana; DANTAS, Jéferson Silveira. *À beira*. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

Para citar esta resenha

CASTELLO, João Victor Martins. Resenha de: "LEXAU, Jeana; DANTAS, Jéferson Silveira. *À beira*. Florianópolis: Editora Insular, 2019". *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 10, n. 3, p. 1375-1381, set.-out. 2021.

O autor

João Victor Martins Castello é graduando em Letras – Português e Francês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.